

## NO TEMPO DO GAIVOTA E TROPICUIR: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS E VISIBILIDADES LGBTIA+

**Denise B Portinari**

*Docente do Depto. de Artes e Design da PUC-Rio , denisep@puc-rio.br;*

**Guilherme Altmayer**

*Professor adjunto da ESDI/UERJ , galtmayer@gmail.com*

### Resumo

Este trabalho consiste na apresentação e discussão de duas pesquisas sobre memórias e visibilidades LGBTIA+ que vêm sendo desenvolvidas há mais de três anos, no âmbito do Depto. de Artes e Design da PUC-Rio e de outras instituições parceiras. Uma dessas pesquisas intitula-se “No tempo do Gaivota: memórias e visibilidades lésbicas”, e vem se desenvolvendo através de um programa de coleta de depoimentos orais e audiovisuais de ex-frequentadoras/es da casa noturna “Gaivota” que existiu na cidade do Rio de Janeiro entre 1976 e 1999; a outra chama-se Tropicuir e consiste em uma plataforma de memórias, visibilidades e manifestações LGBTIA+/cuir, construído através de uma série de ações de curadoria praticadas em interação com coletivos ligados a movimentos sociais, transcorridas principalmente entre 2013 e 2019. Ambas as pesquisas convergem na proposição da construção de um “dispositivo de memórias e visibilidades sapatônicas e transviadas” como estratégia de resistência aos dispositivos normativos que promovem, de diferentes maneiras, o apagamento das vidas e das visibilidades desviantes. Estas pesquisas tomam por referência e interlocução teórica a noção de dispositivo avançada por Michel Foucault, os trabalhos de memorialistas e arquivistas LGBTIA+, os estudos feministas e queer, a poética barthesiana do viver-junto e

os textos de Walter Benjamin, Jeanne-Marie Gagnebin e Katia Muricy sobre experiência, memória e esquecimento e as práticas arquivísticas queer de Ann Cvetkovich, Jose Esteban Muñoz e Jack Halberstam.

**Palavras-chave:** memórias LGBTIA+; arquivos LGBTIA+; (in)visibilidades LGBTIA+; identidade e memória

## Introdução

As pesquisas relatadas neste artigo partem de um ponto em comum: o desejo de produzir relatos e registros de vivências lésbicas, bichas, gays, travestis, transexuais e transviadas<sup>1</sup>. Mais adiante discutiremos o problema das terminologias que nunca estão à altura das muitas possibilidades de existências homoeróticas e gênero-dissidentes. Discutiremos também as questões colocadas por essas diferentes formas de vida no que concerne a diversidade de seus registros, historiografias e modos de visibilidade. Antes disso, é importante enfatizar aquilo que constituiu a nossa visada comum: a visibilização e o registro de manifestações e memórias efêmeras, relativamente anônimas, de alguma maneira invisibilizadas.

Ao longo dos últimos quarenta anos, surgiram muitas iniciativas de memorialização e registro de memórias e manifestações homoeróticas e queer. No Brasil, temos hoje uma quantidade expressiva de excelentes pesquisas (e projetos voltados para o registro de memórias LGBTIA+ como Acervo Bajubá<sup>2</sup>, o Instituto LGBT+<sup>3</sup>, o Museu da Diversidade Sexual<sup>4</sup>, Arquivo Lésbico Brasileiro<sup>5</sup>. Todavia a maior parte dessas iniciativas está voltada para o levantamento e análise de documentos e registros produzidos por mídias já constituídas, grupos relativamente organizados, militâncias e artistas que de alguma maneira deixaram a sua inscrição em textos, notícias, filmes e gravações, enfim, em alguma forma de documentação.

Mas o que acontece com as vidas e as manifestações que permaneceram anônimas e não documentadas, com artistas que não

---

1 No dicionário, o termo transviado tem o seguinte significado: aquele que se transviou; que se afastou dos bons costumes; desencaminhado; que se perdeu do caminho; que se opõe aos padrões comportamentais preestabelecidos ou vigentes. Transviado é também proposto pela pesquisadora Berenice Bento (2014) para pensar em um termo “guarda-chuva” para ações sexo dissidentes de bichas, sapatões, trans, travestis e que seria uma tradução que se aproxima do “queer”. Fazemos uso recorrente do termo para pensa-lo como lugar de contestação e tensionamento entre o campo das artes e das dissidências de sexo e gênero.

2 Ver <http://acervobajuba.com.br/>

3 Ver <https://instituto.lgbt/>

4 Ver <http://www.mds.org.br/>

5 Ver <https://www.facebook.com/ArquivoLesbicoBrasileiro>

tiveram acesso às mídias ou aos registros mais duradouros, com as manifestações efêmeras e precariamente documentadas? Ainda que algumas dessas manifestações sejam às vezes parcialmente registradas em pesquisas que trabalham com documentos já existentes, elas não constituem a visada primordial dessas pesquisas. Para além disso, como construir alguma memória das formas de visibilidade que se constituíram justamente em espaços relativamente restritos e secretos, nos “submundos” que durante muito tempo constituíram o espaço-tempo dos encontros e das manifestações homoeróticas, não-binárias, contra-normativas e dissidentes?

As duas iniciativas que relatamos aqui, ainda que convergentes, desenvolveram diferentes estratégias de abordagem para esse tipo de questão. Uma procurou focalizar o circuito de bares e boates GLS do Rio de Janeiro entre as décadas de 70 e 90, voltadas predominantemente para as lésbicas, através de um programa de coleta de depoimentos e documentos inspirado no *Lesbian Herstory Archives*<sup>6</sup>. A outra consistiu em uma série de ações de curadoria voltadas para o acolhimento, a provocação e o registro de manifestações de visibilidade cuir/LGBTIA+, produzidas por artistas, coletivos, pesquisadores e manifestantes extemporâneos na década de 2010. As duas iniciativas reúnem-se em uma plataforma digital que visa visibilizar e disponibilizar esses registros em um formato que estamos chamando, temporariamente, de “dispositivo de memórias e visibilidades LGBTIA+/Queer: a plataforma Tropicuir.org.

## No tempo do Gaivota: memórias e visibilidades lésbicas

A pesquisa toma como ponto de partida a extinta casa noturna Gaivota, tendo já iniciado junto a ex-frequentadores desse espaço um programa de coleta de depoimentos orais e audiovisuais, realizados individualmente e em pequenos grupos, com a finalidade de potencializar a construção de memórias, redes de sociabilidade e visibilidades LGBTIA+ no Rio de Janeiro, focalizando especialmente as existências lésbicas, no período que vai de meados da década de 1970 ao final da década de 1990, em suas relações com o tempo presente.

6 Ver <https://lesbianherstoryarchives.org/>

Situada no início da então semi-deserta Rua Rodolfo Amoedo, na Barra da Tijuca, o Gaivota foi, de 1976 a 1999, um lugar central de encontro de pessoas das mais diversas proveniências, idades, classes, racialidades e orientações sexuais, permanecendo, todavia, mais fortemente associado à população e à cultura lésbica da cidade. Após essas duas décadas muito movimentadas, o Gaivota foi se desarticulando; inicialmente houveram algumas tentativas de mudança de local (para a atual Avenida Lúcio Costa) e de formato (transformando-se em uma festa semanal), mas as características e o sucesso do espaço original se perderam no tempo.

A desarticulação dos espaços físicos de encontros voltados para o público LGBTIA+, e especialmente dos espaços frequentados pelas lésbicas, vem acontecendo desde o final do anos 90. Esse desaparecimento tem recebido alguma atenção da mídia e foi abordado em diversas pesquisas que o associam com a gentrificação dos espaços – e das mentalidades – na sociedade contemporânea (SCHULMAN, 2012; PORTINARI & CESAR, 2014; WENNERHOLM, 2019 ); com os efeitos da disseminação crescente das redes sociais na configuração de outros espaços sociais e afetivos, e com outras formas de apagamento da experiência lésbica e de outras vidas desviantes.

O desaparecimento do Gaivota e de tantos outros bares e casas noturnas voltadas para as lésbicas é de certa forma a perda de uma forma de existência. Desde então ganhamos muito, sem dúvida, especialmente no que concerne a certas conquistas no plano dos direitos civis, do protagonismo e da visibilidade sociopolítica – mas também nos tornamos de alguma maneira mais pobres. A perda maior, nesse sentido, seria a perda dessa memória, ou da possibilidade de transmiti-la – a perda disso que Benjamin chama de “experiência”. A transmissão é o que constitui a experiência como tal. Ir contra a perda da experiência é uma forma de resistência; é talvez um dos sentidos que podemos dar para a injunção benjaminiana de que é preciso “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. 225).

O Gaivota é um pequeno fragmento da existência LGBTIA+ no Rio de Janeiro, no Brasil, no mundo, nas vidas de cada uma e cada um que passou por ali. Cabe lembrar também que o Gaivota não existiu sozinho, pois fazia parte de um pequeno circuito de locais que pontilhavam o mapa sócio-afetivo de existências lésbicas naquele tempo e espaço – como a boate Encontros e o bar Pizzaiolo. O “tempo do

Gaivota” é pois um espaço-tempo que abrange também esses espaços e as vidas que por eles transitavam.

A escolha dessa extinta casa noturna, centro de sociabilidades e experiências de pessoas que hoje estão em sua maioria na faixa dos 60+, foi estratégica na medida em que coloca como ponto de partida da pesquisa um espaço-tempo de vivências homoafetivas sem privilegiar de antemão uma determinada circunscrição de identidades. Essa estratégia permitiu que a pesquisa abarcasse o universo de ex-frequentadores que nem sempre se identificam com as denominações, as formas identitárias e as implicações políticas e existenciais demarcadas pelas siglas LGBTIA+. Ao mesmo tempo, possibilita a abertura de um arquivo de memórias de existências relativamente comuns e anônimas, que em geral escapam às diversas iniciativas já existentes de constituição de arquivos LGBTIA+, normalmente voltados para o registro das militâncias políticas, das performances artísticas e das pessoas que de alguma maneira já deixaram os seus registros nos anais da imprensa e da história.

A criação de um “dispositivo de memórias e visibilidades” lésbicas que contemple também essas vidas anônimas é um dos objetivos deste projeto, que nesse sentido inspira-se nos princípios do Lesbian Herstory Archives (NESTLE, 1990), Tributário da noção lésbico-feminista de *herstory* – a elaboração de historiografias a partir de uma perspectiva não-patriarcal e não-heteronormativa – o LHA sustenta os princípios que o nortearam desde o início: recolher, preservar e disponibilizar registros de vidas e atividades lésbicas, quaisquer que sejam. O Arquivo coleta materiais “sobre e por Lésbicas”, reconhecendo a mutabilidade dos conceitos de identidades lésbicas.

No caso do presente projeto, o foco não se restringe aos arquivos lésbicos, embora a escolha do “tempo do gaivota” como ponto de partida implique em uma ênfase dada às vidas e memórias lésbicas.

A crescente visibilização política das questões de gênero e sexualidade, com as conquistas e o acirramento dos conflitos em torno dos direitos civis LGBTIA+; o crescimento também dos sujeitos e discursos de direita, dos fundamentalismos religiosos e das forças conservadoras no Brasil e no mundo; os acontecimentos que mais recentemente alteraram profundamente os destinos sociais, políticos e econômicos do país; as mudanças nas formas de existir, pensar-se e construir-se como sujeito de diferentes gêneros e práticas sexuais e afetivas; esses são alguns aspectos que configuram o presente em que as falas sobre

“o tempo do Gaivota” são convidadas a emergir, e que certamente as afetam e informam.

Portanto este projeto não visa propriamente “reconstruir” ou memorializar a história desse espaço/tempo. Não se trata de restituir aquilo que já findou, mas de fazer circular, fazer falar aquilo que insiste ainda: as memórias, as falas, as existências daquelas e daqueles que fizeram e fazem viver esse espaço/tempo, em suas confluências com o momento presente. Como era? O que mudou? - são algumas das perguntas que pretendem suscitar essas falas.

No horizonte do projeto, e visando explorar a possibilidade de constituição de um “arquivo vivo”, lançamos mão de uma bricolagem de abordagens, métodos e técnicas, inspiradas nas metodologias queer, fazendo uso de técnicas de coleta de depoimentos orais e audiovisuais e recursos de construção de mídias digitais (ALTMAYER, 2020) Considerando o objetivo de criar e disponibilizar um “dispositivo de memórias e visibilidades LGBTIA+”, as principais ações de pesquisa envolvem a coleta, a curadoria e a disponibilização de registros de depoimentos e de documentos. A coleta implica o desenvolvimento continuado de um programa de depoimentos orais e audiovisuais e de levantamento e coleta de registros documentais sobre o “tempo do Gaivota. A curadoria envolve a edição, o tratamento e a disponibilização desses registros, bem como a promoção de eventos, encontros e rodas de conversa em que esses registros são ao mesmo tempo produzidos, veiculados e debatidos. A disponibilização e a curadoria envolvem a criação e manutenção de arquivos em plataformas e mídias digitais. Essas diferentes ações podem acontecer simultaneamente, pois um princípio que sustenta esta iniciativa é a noção de que a memória é uma criação permanente e coletiva.

Assim, por exemplo, o modelo do programa de coleta de depoimentos sobre o “tempo do Gaivota” envolve ao mesmo tempo o registro de depoimentos individuais e em pequenos grupos, onde a memória de uma pessoa estimula e deflagra a memória de uma outra. A etapa de disponibilização desses registros deve servir como um deflagrador de novas contribuições trazidas por outras/outros eventuais participantes, pois o “dispositivo de memórias” é concebido de maneira a permitir a interação de pessoas umas com as outras e com os participantes cujas contribuições já foram registradas, e de modo a possibilitar ainda que novos participantes possam escolher registrar ali as suas contribuições. Nesse sentido, este projeto se entende

também como uma prática, a prática de criar um desdobramento possível e presente do “tempo do Gaivota”, oferecendo-o às/aos participantes como um espaço de expressão e de possíveis trocas.

Todavia essa proposta esbarra em uma problematização desafiadora: em que medida a abertura desse arquivo e a criação desse dispositivo implicariam na imposição de formas de visibilidades contemporâneas que vão na contramão das formas de visibilização que foram possibilitadas e cultivadas pelo espaço-tempo do Gaivota? Essa pergunta tem sido sugerida especialmente pelas participantes da pesquisa que se identificam como “entendidas” ou “gays”, cujas experiências são pautadas por formas seletivas de visibilidade e de auto-referência, em que uma identidade homoerótica é explicitada com certa reserva, ou apenas em certos lugares, de certas maneiras, e para certos grupos. Isso não significa, obrigatoriamente, em absoluto, que essas pessoas não tenham sustentado e vivenciado o mais integralmente possível as suas identificações e escolhas existenciais e afetivas. Sustentamos que essas atitudes não devem ser apressadamente julgada e classificada segundo os valores e padrões de conduta atuais, mas acolhidas e compreendidas em seus próprios termos. É importante levarmos em conta o lugar representado pelos espaços de encontros homoeróticos no imaginário do tempo do Gayvota, segundo a fala de uma assídua ex-frequentadora:

*O Gaivota fazia parte de um... Submundo. A gente ia lá, nesses lugares, porque era neles que era possível a gente ser gay, ser sapatão. Era coisa do submundo, era lá que você existia como homossexual. Fora dali, você não era nada, o mundo era dos caretas. Ser sapatão era essa coisa do submundo. Então era tudo muito misturado, tinha de tudo, tinha gay, sapatão, travesti, garota de programa, malandro, michê, o povo da noite, os drogados, as madames, os curiosos, os do swing, os da noite, era essa mistura. E a gente ia lá por isso, pra poder existir. (Fala de F. 64 anos, ex-frequentadora do Gaivota)*

Mais importante do que realizar os objetivos vislumbrados para este projeto, portanto, é a possibilidade de nos determos diante de uma fala como essa, para apreciar as suas implicações no que concerne a memória e o registro de outras formas de visibilidade e de existência. Muito possivelmente, o registro do “tempo do Gaivota” permanecerá fragmentário, desigual e parcialmente velado; pode ser

que boa parte das/dos participantes escolha permanecer no anônimo e permita apenas o registro em áudio de suas falas; pode ser que nem todas/todos desejem a interação com outros participantes. O que importa é que algo dessas falas possa se fazer ouvir e circular, e que nesse processo alguma experiência possa se constituir como transmissão de memória.

## **Tropicuir: estético-políticas como estratégia de salvaguarda de memórias**

O projeto tropicuir procura refletir sobre a intercomunicação e potencialização entre os campos da arte, os ativismos políticos, as ruas e a academia utilizando diversas experiências no Rio de Janeiro entre os anos 2016 e 2018 e arquivos históricos de ativismos dos últimos cinquenta anos. Seu objetivo é dar a ver as formas como estes eventos e corpos se interconectam e comunicam redes de resistências contra normativas de sexualidade e gênero a partir de práticas estéticas e para além, propor práticas e exercícios de rememoração e modos de arquivar juntas esses acontecimentos, visando sua inscrição na história das artes, dos ativismos e das políticas transviadas.

Tropicuir se materializou então, nos últimos anos, em uma série de práticas de memória interconectadas: dissertação de mestrado<sup>7</sup> e tese de doutorado<sup>8</sup>, curadoria de artes e ativismos e livro-catálogo, residências artísticas dissidentes, colaboração na noite estranha<sup>9</sup> em homenagem a Matheusa Passareli, leilão de arte<sup>10</sup> em benefício da CasaNem durante a mostra Queermuseu e ainda a plataforma tropicuir.org, que se coloca como um laboratório continuado de práticas de documentação e registro de memórias auto representadas.

Estas práticas de salvaguarda de memórias sexo e gênero dissidentes invocam diversos questionamentos sobre a intencionalidade dessas práticas: qual a relevância de tornar vivo esse passado? Como se aproximar desses materiais por meio de arquivos do presente, de

7 Ver: Tropicuir. (Re)existências políticas nas ações performáticas de corpos transviados no Rio de Janeiro. 2016. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27275/27275.PDF>

8 Ver: Tropicuir: estético-políticas transviadas – memória, arquivo, design. 2020. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/48596/48596.PDF>

9 Ver: <http://despina.org/noite-estranha-cuidado-convivencia-agencia/>

10 Ver: <https://www.tropicuir.org/movimento-nuvennem/>

corpxs como arquivo? Quais as implicações de desengavetar, “sair do armário” e tornar esses acontecimentos em registros acessíveis? Quem decide o que se torna arquivo e quem detém os privilégios para tal? Qual desenho pode ter um arquivo de dissidências estético-políticas queer/cuir? Quais experiências são *inarquiváveis*? Como podemos arquivar juntas?

Longe da intenção de responder a todas essas indagações de forma conclusiva, abrimos espaços para reflexão e práticas na aproximação com registros tão diversos como escritos, performances, pinturas, fotografias, convites, fotografias, relatos, lambe-lambes, vídeos do *YouTube*, redes sociais, obras de arte, encontros de corpos: arquivos que se desdobram sem cessar, em uma rede de códigos geradores de novos arquivos e subjetividades que se inscrevem no futuro.

Metodologicamente, o que se pretendeu sistematizar, a partir de uma série de erros e acertos, é um conjunto de métodos de *transviação* (PORTINARI, 2017), de arquivo de memória e do campo do design, que rompem com lógicas de dominação discursivas, com dinâmicas de construção narrativas uníssonas e higienizadoras. Métodos e técnicas que esperamos poder ser reproduzidos, regurgitados em outras frentes de registro, autônomas, para que outros sujeitos possam criar sua própria história, a partir da possibilidade de auto representação.

Além de preencher espaços vazios, corrigir esquecimentos, nem muito menos reivindicar uma arte “bicha”, “sapa”, “trans”, o que aqui está em jogo diz respeito principalmente a um movimento para desestabilizar as estruturas da história das artes e os tratados de autoridade da epistemologia dominante que abrem espaços momentâneos “de inclusão” apenas para colocar a cabeça no travesseiro e dormir tranquilamente. É insuficiente porque é esse mesmo sistema que manterá operante, paralelamente, cancelamentos, expulsões e silenciamentos.

Para Nelly Richard, em *Crítica y Política* (2013), não interessa, portanto, “ilustrar os conteúdos de uma diferença já construída”, mas sim “mobilizar um processo de diferenciação simbólica que altere as codificações de poder genérico-sexual nos sistemas de representação e valorização cultural dominantes” (RICHARD, 2013 p.104).

Inquietações presentes nesse processo de visibilidade nos fazem indagar se as manifestações que produzimos não deveriam residir apenas lá, na experiência passada? Jose Munõz, em *Efêmera como evidência: notas introdutórias ao queer* (1996), fala de como a transviagem sempre se transmitiu de forma secreta, na sombra, na noite,

no subterrâneo. Muñoz nos dá indícios de uma impossibilidade de captura de eventuais arquivamentos. Indícios de saberes articulados estrategicamente para escapar de qualquer tentativa de captura.

Porque se tratam lugares que asseguram sobrevivência, convivência e beijo na boca. Saberes que se dão através da língua bajubá das travestis, inteligível somente aos entendidos; através dos lenços coloridos que codificam as preferências sexuais na pegação das bichas norte-americanas; na reunião de corpos desejosos irreconhecíveis na escuridão dos quartos escuros; na pista de dança de inferninhos discretos; nas reuniões das “turmas” para socialização e transformismo em casas de amigos, que estalavam os dedos ao invés de aplaudir para não despertar a curiosidade de vizinhos, no Rio de Janeiro dos anos 1950.

Nas beiras da heteronorma nos colocamos, e é pelas beiras que comemos e gozamos. E por isso falamos por códigos, criamos linguagens próprias de comunicação, indissociáveis do corpo marcadamente presente, mas às vezes ausente. Muñoz (1996) argumenta que a ausência de práticas transviadas em arquivos oficiais estaria relacionada a uma certa efemeridade da performatividade transviada. Destruir e apagar rastros e pegadas foi, e ainda é, muito importante para garantir nossa sobrevivência, principalmente a de corpos mais vulneráveis e suscetíveis às violências de gênero, raça e classe historicamente instituídas no Brasil: insegurança de arquivo.

Nossa relação com evidências históricas e rastros é atribulada (MUNOZ, 2009), pois historicamente foi utilizada para gerar processos patologizantes, encarceramento (lembremos da lei da vadiagem na ditadura militar no Brasil, que prendeu muitas travestis trabalhadoras do sexo) em processos violentos para disciplinar nossos comportamentos e atos. Na tentativa de escrevermos nossas histórias, existe sempre um guardião da presença heteronormativa, que vai trabalhar na invalidação dessas evidências, as tornar menores, ou invisíveis, ou ainda aproveitar-se delas para atos de violência contra nossos corpos.

Assim, a forma como essas evidências são tratadas demandam, acima de tudo, cuidado e precisam ser revistas quando tratamos de inscrever memórias transviadas neste desmunhecar do arquivo. Jack Halberstam, em *In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives* (2005), pondera que o arquivo *queer* não se trata de um mero repositório, mas da construção de uma memória coletiva, na qual estão presentes registros complexos de vidas transviadas. E

para que funcionem e sejam ativados, eles devem estar disponíveis para olhares capazes de lidar com a complexidade das histórias neles presentes.

Halberstam (2005) fala da ideia de bloco histórico, alianças entre uma minoria acadêmica e corpos transviados e de como investigações universitárias têm um papel fundamental não somente na construção de memórias e arquivos cuir, mas na circulação de suas multiplicidades e sofisticações. O apuro pode colaborar para que a radicalidade dos trabalhos permaneçam nas mãos das “subculturas transviadas” (Halberstam, 2005).

Neste caminho para pensar um arquivo transviado, esbarramos em um problema preliminar já no momento de sua concepção. Derrida (2001) nos fala que não haveria arquivamento sem título, sem um nome – e por isso sem uma lei que dita sua legitimação, que o classifica e o hierarquiza: “sem ordem e sem ordem, no duplo sentido desta palavra” (DERRIDA, 2001 p.56). Ora, se pensar sob uma perspectiva cuir implica extrapolar o gesto de atribuir nomes, identidades, categorias e encaixar em padrões que, ao longo dos últimos 100 anos, serviram para patologizar e marginalizar nossos corpos, como, então, pensar um design de arquivo que resolva esse conflito?

Se o arquivo, pensado em um prisma mais institucional, demanda a normatização e binarização de seus conteúdos, os de dissidência sexuais se mostram pouco usuais e não normativos, e correm o risco de serem esvaziados, branqueados pelas tentativas de submeter suas práticas à regra da norma, para coincidir narrativamente com a coerência de outros fundos documentais.

A escuta dos corpos, a auto representação, o abandono de nomes e classificações e a resignificação de termos pejorativos podem dar pistas de um caminho possível. Visitando os arquivos de uma arquivista amadora, em sua página na internet, me deparo com a seguinte pergunta: “Como configurar um arquivo, um quadro de classificação, uma ferramenta de recuperação, índices, catálogos, de materiais que procedem de pessoas que desafiam a taxonomia a cada dia?” nos pergunta a *Amateur Archivist* (2015).

O desafio começa no processo de classificação de obras, experiências e vivências tão múltiplas. Seguimos com indagações: como classificar os desclassificados? Como pensar reapropriações táticas dos termos arquivistas? Quais outras dinâmicas de classificação,

visualização e leitura podemos pensar, para além daquelas definidas por um sistema desenhado sobre estruturas heteronormativas?

É a partir de práticas cuir que buscaremos subsídios para subverter e eliminar categorias e hierarquias no sentido de destituir a norma e nos unirmos ao registro para marcar um tempo, os termos e gírias característicos, as reapropriações políticas para imaginários de futuro (e sobrevivência) coletivizados.

A partir do revisionismo histórico, temos como ponto de partida a proposta de escapar dos sujeitos históricos, do que é contado, para ir na direção do corpo contador de sua própria história, criador de sua própria narrativa coletiva. Nesse sentido, pensar o design de arquivo transviado passa por práticas de auto representação: fui feito objeto, abjeto, agora posso ser sujeito da nossa memória coletiva.

Charles Morris e K.J. Rawson, em *Queer archives/ Archival queers* (2013), argumentam que arquivos *queer*, em suas próprias existências, criticam e desafiam a normatividade e a circulação de coleções entre instituições. Instauramos processos de invalidação de normas dadas até então como regra. Quem fomos, somos e seremos não pode ser entendido como dado, como algo estável e fixo e por isso os gestos de nos fazermos presentes, de desestabilizarmos os registros com nossas presenças abjetas e nossas auto representações são marcadores de que por ali um dia passamos e constituem, portanto, em si mesmas uma intervenção política (MORRIS & RAWSON, 2013).

Os rastros que deixamos e suas respectivas efemeridade, sinais intermitentes de outros tempos e espaços, são lugares de promessa de potência transviada, ainda sempre por realizar, presentes na sua precariedade para podermos imaginar futuros em nossos corpos e nossos corpos no futuro (MUÑOZ, 1996).

Nesse sentido, nos alinhamos com Morris & Rawson (2013) em um impulso de engajamento social e memória coletiva, ao entender as práticas de arquivo como conectores entre temporalidades – entre tempos identitários e pós-identitários, tempos sombrios e violentos, tempos orgulhosos: temporalidades que se fundem e se traduzem em fontes retóricas de produção cultural. Podemos todas nos entender como bichas arquivistas através de nossas historicidades e histórias imaginadas (MORRIS & RAWSON, 2013).

Movimentos que ganham potência ao termos consciência do que está em jogo: autoconhecimento, engajamento, escuta e fala sobre esses rastros, traços, e corporeidades de combinações infinitas. Um

convite para testemunhar, através de práticas artísticas entendidas como práticas políticas, lugares onde todas nos tornamos agentes. Testemunhos como movimentos de emancipação e evidências de existência de comunidades marginalizadas, lidos aqui como atos críticos de documentação. Mais significativo ainda é imaginarmos leituras de documentações em futuros próximos e distantes sobre “momentos, objetos, performances e espaço que podem oferecer iluminações emancipatórias do lugar transviado” (MUÑOZ, 1996, p.22).

Ann Cvetkovich, em *The Queer art of the counter archive* (2011), a partir de suas práticas sobre o *Lesbian Herstory Archives*<sup>11</sup> (LHA), nos convida a pensar o arquivo cuir para além de uma experiência intelectual, mas como um arquivo de sentimentos. Uma busca por traçar relações afetivas com acontecimentos e como “atos de construção de arquivos radicais podem sustentar um futuro cuir, ao nos lembrar de passados cuir” (CVETKOVICH, 2011, p.35). Para a autora, nossas comunidades transviadas têm uma necessidade emocional de ter história, apontando para a permanente urgência do arquivo questionador do que virá a arquivar e narrar: arquivos urgentes desencaixados das normas usuais do arquivo.

## Considerações finais

No Tempo do Gaivota e Tropicuir são propostas de projetos que se complementam e compartilham questionamentos e dificuldades em suas intenções de salvaguarda de memórias de passados e presentes. Objetivamos a construção de uma presença digital não vinculada a redes sociais hegemônicas que pleiteiam a independência digital para se proteger de censuras, denúncias, ataques moralistas e desaparecimento de dados.

A transposição das experiências documentadas para uma plataforma digital de comunicação, das conversas ‘com’, constitui uma tentativa de ampliar as possibilidades de inscrição dos interlocutores da pesquisa. Através de depoimentos em vídeo e testemunhos escritos, garantimos uma expressão multifacetada de suas percepções e dos significados que atribuem às suas experiências.

11 Ver: <http://www.lesbianherstoryarchives.org/>

Sua construção vem se dando através da interlocução com experiências de outras plataformas digitais no Brasil e ao redor do mundo, como Acervo bajubá<sup>12</sup>, *Lesbian Herstory Archive*<sup>13</sup>, *The ONE National Gay & Lesbian Archives*<sup>14</sup>, Memórias Histórias das sexualidades<sup>15</sup>, Instituto LGBT<sup>16</sup>, *GLBT Historical Society*<sup>17</sup>, Real Archivo Sudaca<sup>18</sup>, o Archivo de la Memoria Trans Argentina<sup>19</sup>, Archivo Queer<sup>20</sup>, Potencia Tortillera<sup>21</sup>, *Archives of Lesbian Oral Testimony*<sup>22</sup> e o *Queer Brasil*<sup>23</sup>.

As estratégias de comunicação de No Tempo da Gaivota e Tropicuir – ambas em pleno processo de construção e com base em uma abordagem transdisciplinar – se configuram como lócus do fenômeno da comunicação em rede, e tornaram-se um mecanismo potente para a articulação de dissidências de sexualidade e gênero, um ciberativismo emerge como uma importante ferramenta cuir que expandem e prologam os efeitos das memórias de espaços de encontro, inferninhos e ações estético-políticas queer/cuir.

## Referências

ALTMAYER, Carlos Guilherme. **Tropicuir: estético-políticas transviadas - memória, arquivo, design.** Tese (Doutorado em Design). Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio

---

12 Ver: <http://acervobajuba.com.br/>

13 Ver: <http://www.lesbianherstoryarchives.org/>

14 Ver: <http://www.onearchives.org/>

15 Ver: <https://memoriamhb.blogspot.com>

16 Ver: <http://instituto.lgbt/old/>

17 Ver: <https://www.glbthistory.org/>

18 Ver: <https://realarchivosudaca.wordpress.com/>

19 Ver: <https://archivodelamemoriatrans.tumblr.com/>

20 Ver: <https://archivoqueer.tumblr.com/>

21 Ver: <http://potenciatortillera.blogspot.com/>

22 Ver: <https://alotarchives.org/>

23 Ver: <https://www.queerbrasil.com/>

de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 1).

CVETKOVICH, Anne. The Queer Art of the Counterarchive, IN: Frantz, David; Lock, Mia (Org.) **Cruising the Archive: Queer Art and Culture in Los Angeles, 1945-1980**. Los Angeles: ONE National Lesbian and Gay Archives, 2011, p. 32-35.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HALBERSTAM, Jack. **In a Queer Time and Place**: Transgender Bodies, Subcultural Lives. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

MORRIS, Charles, RAWSON, K.J. Queer archives/archival queers. IN: BALLIF, Michelle (org.). *Theorizing histories of rhetoric*. Illinois: Southern Illinois University Press, 2013.

MUÑOZ, Jose Esteban. *Cruising Utopia – The Then and There of Queer Futurity*. Nova Iorque: NYU Press, 2009.

NESTLE, Joan. The Will to Remember: The Lesbian Herstory Archives of New York. IN: *Feminist Review*, no. 34, 1990, pp. 86–94. *JSTOR*, [www.jstor.org/stable/1395308](http://www.jstor.org/stable/1395308). Acessado em 29 Mar 2021.

PORTINARI, Denise; CESAR, Maria Rita de Assis. A Gentrificação da Homossexualidade. IN: OLINTO, Heidrun Kruger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Org.). **Literatura e Espaços Afetivos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

PORTINARI, Denise. Queerizar o Design. IN: *Revista Arcos Design* Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, v.10, n.1, Outubro 2017. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30937>> Acesso em 10 jan. 2019.

RICHARD, Nelly. **Crítica y política**, Santiago de Chile, Palinodia, 2013.

SCHULMAN, Sarah. **The Gentrification of the Mind** – witness to a lost imagination. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 2012.

WENNERHOLM, Zoe. **It's your future, don't miss it:** nostalgia, utopia and desire in the New York lesbian bar. Senior Capstone Projects, 897, 2019. [https://digitalwindow.vassar.edu/senior\\_capstone/897](https://digitalwindow.vassar.edu/senior_capstone/897). Acesso em: 14 ago. 2020.